

APRESENTAÇÃO

DOI 10.20873/uft2179-3948.2022v13n3pi-ix

Luiza Helena Oliveira da Silva¹
Eliane Aparecida Miqueletti²

Esta edição da EntreLetras foi organizada num contexto político de tensão. No Brasil, vivenciamos o período de transição: saímos de um governo de extrema-direita, com Jair Messias Bolsonaro, no qual enfrentamos, entre outras coisas, a desvalorização da ciência, a violação da liberdade de expressão e a crescente onda de discursos de ódio e preconceito, inflamados inclusive contra as universidades e os professores, e vivemos agora os primeiros momentos de proposta de um governo social-democrático de Luiz Inácio Lula da Silva. Lula assume o seu terceiro mandato com a ausência do ex-presidente, numa quebra de protocolo que não ocorria desde 1985, quando o último presidente da ditadura, João Baptista Figueiredo, também deixou o Planalto sem participar da cerimônia de entrega da faixa ao primeiro presidente civil. Bolsonaro viajou para os Estados Unidos dois dias antes da posse de Lula, após tentativas de reverter o resultado da eleição – acompanhado por apoiadores que se “aquartelavam” em diversas cidades brasileiras e na Esplanada dos Ministérios, negando o resultado das eleições.

Nessa conjuntura, a entrega da faixa presidencial foi realizada por oito representantes do “povo brasileiro”: um menino da periferia, uma catadora de materiais recicláveis, um cacique indígena, um metalúrgico, um professor, uma cozinheira, uma pessoa com deficiência, um artesão ativista. A simbologia dessas escolhas deixa claros os valores que pretendem alicerçar o atual governo, como afirma Lula em um trecho de seu pronunciamento de posse: "Vou governar para os 215 milhões de brasileiros e brasileiras, e não apenas para quem votou em mim. Vou governar para todas e todos, olhando para o nosso luminoso futuro em comum, e não pelo retrovisor de um passado de divisão e intolerância. A ninguém interessa um país em permanente pé de guerra, ou uma família vivendo em desarmonia."

¹ Doutora em Letras pela UFF, docente e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da UFNT, coordenadora do GESTO – Grupo de Estudos do Sentido. Editora da revista EntreLetras. E-mail: luiza.to@uft.edu.br; <https://orcid.org/0000-0001-5886-6809>.

² Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura – PPGLIT, Universidade Federal do Norte do Tocantins-UFNT. Professora da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras-FALE da Universidade Federal da Grande Dourados -UFGD. E-mail: elianemiqueletti@ufgd.edu.br. ORCID: 0000-0002-3966-8847.

Apesar de acenar para o diálogo que precisa pôr fim à beligerância desse cenário de transição, ainda numa tentativa de golpe de Estado, no dia 08 de janeiro de 2023, fomos surpreendidos por milhares de extremistas invadindo os prédios dos três poderes, em Brasília, com pedidos de intervenção militar, uma grave afronta ao Estado Democrático de Direito. Como resultado temos a destruição de prédios públicos, milhares de pessoas presas e o decreto de intervenção no governo de Brasília.

Ao longo de um pouco mais de trinta dias do novo mandato de Lula, ainda experienciamos o misto de esperança e aflição: as nomeações, nos diversos ministérios, as tentativas de construção de novos rumos para o país e o desvelamento dos desserviços da gestão anterior, a exemplo da recente divulgação sobre a crise humanitária que se instalou na Terra indígena Yanomami, consequência que vem sendo atribuída por Ongs, lideranças indígenas, servidores públicos, ao descaso do governo Bolsonaro em relação a essa população favorecendo o desmatamento e o garimpo.

O quadro descrito, permeado por apreensões, é ainda intensificado por outros motivos que ultrapassam as fronteiras brasileiras, entre eles: a prolongada guerra entre a Rússia e a Ucrânia e o impeachment de Pedro Castillo, no Peru.

Mas “Pra não dizer que não falei das flores”, como enfatizava Geraldo Vandré em sua canção de 1968, seguimos lutando por algo em comum: o direito à liberdade e a justiça social, para a qual devem servir nossas produções acadêmicas, como atores sociais que somos, inseridos nos embates que dizem respeito sobretudo à linguagem, aos sentidos para o presente e o passado, à produção do saber e democratização de seu acesso. Cremos que a natureza essencialmente política do fazer acadêmico transparece aqui, nesta edição, pelas temáticas que emergem de um volume aberto.

Sob Temática Livre, esta edição é composta por 29 textos que ecoam o clima no qual foram escritos, compondo, em menor ou maior grau, uma rede interdiscursiva na qual o engajamento parece ser basilar.

Recebemos para ela uma grande quantidade de submissões, com trabalhos produzidos por autores oriundos de diferentes universidades, não só do Brasil, consolidando a abrangência da revista EntreLetras.

Artigos

Esta seção está organizada em duas partes: as primeiras 14 produções são relativas a trabalhos em literatura; a segunda parte traz 05 artigos fundamentados na linguística.

Abre a edição o texto “FANON SOBRE CADÁVERES, LOUCURA E OS CONDENADOS”, de Lewis Ricardo Gordon, traduzida do inglês pela pesquisadora Rosemere Ferreira da Silva (UNEB/UCONN). Nesse ensaio, que teve uma primeira publicação em italiano, Gordon principia por remeter ao momento em que Frantz Fanon se inquieta sobre o processo de autópsia que pressupunha como tratamento uma despersonalização do sujeito. Para ser possível o trabalho, o médico deveria considerar a não humanidade do corpo a sua frente, desumanizando-o. É dessa desumanização do outro e a violência que implica que Gordon trata aqui, a partir do pensamento de Fanon, do colonialismo, trazendo como um dos exemplos o caso recente de ucranianos no contexto europeu.

No segundo artigo, DO ANTICOLONIALISMO COLONIAL: RECEPÇÃO CRÍTICA E LEITURAS INTERPRETRATIVAS DO DISCURSO COLONIAL NO UNIVERSO LITERÁRIO DE PIERRE LOTI, Camila Geovanna Alves da Silva trata dos debates iniciados em estudos críticos que analisam os efeitos de sentido na obra de Pierre Loti. Para isso, parte da presença do discurso colonial na obra do autor, promovemos um diálogo com as possibilidades interpretativas, atenta às dinâmicas histórico-políticas implícitas ao texto crítico a fim de promover contrapedagogias para a dominação epistêmica eurocêntrica no âmbito da crítica e da análise literárias.

O terceiro, A REPRESENTAÇÃO DA SANTIDADE NOVOHISPÂNICA EM LA VIDA DE GERÓNIMO DE FIGUEROA, de Leonor Taiano Campoverde, apresenta o estudo da *Vida Admirável e Feliz Morte do Religioso Padre Gerónimo de Figueroa Professo da Companhia de Jesus na Província da Nova Espanha: Missionário de 40 anos entre os índios Tarahumara e Tepehuanes da Sierra Madre e depois Reitor do Colegio Máximo e Prepósito de la casa Profesa de México (1689)*, escrito por Francisco de Florencia. Com foco na relação entre a escrita hagiográfica e a configuração de uma identidade da Nova Espanha, mostra como nesta hagiografia o divino e o profano se entrelaçam para construir o contexto da Nova Espanha e a santidade de Figueroa.

Na sequência, Lucas Sidnei Carniel, Gilmei Francisco Fleck e Hugo Eliecer Dorado Mendez, em BERNABÉ RIVERA E A DESCONSTRUÇÃO DO "HERÓI": RESSIGNIFICAÇÕES DO PASSADO NO ROMANCE *¡BERNABÉ!*, *¡BERNABÉ!*, DE TOMÁS DE MATTOS, tomam por base teorias analíticas do romance histórico que problematiza o evento, o conhecido oficialmente como “O Massacre de Salsipuedes”. O trabalho apresenta ferramentas analíticas para a interpretação do romance a partir da desconstrução do personagem Coronel Bernabé Rivera, comandante responsável pela missão

que resultou no morticínio de indígenas charruas, durante o processo de independência do Uruguai, no século XIX. Os autores relacionam a interpretação da obra de Mattos a possíveis críticas à ditadura cívico-militar que imperou no país entre os anos de 1973 e 1985.

No quinto artigo, *A PALAVRA SONHA A IMAGEM: UM PERCURSO VISUAL PELA POESIA DE WISLAWA SZYMBORSKA*, Andréa Pereira dos Santos e Angelita Pereira de Lima dedicam-se à poesia da polonesa Wislawa Szymborska para tentar responder, ainda que de forma ensaística e não definitiva, à questão: o que é uma imagem-no-poema? Para isso, os poemas *Fotografia do 11 de setembro*, publicado pela primeira vez em 2002, e *Gente na ponte*, publicado em 1987, foram analisados em uma tessitura que se dedicou aos temas dos textos de Szymborska, sobretudo à recorrência da ideia de “morte em plena vida”.

Carlos Roberto Ludwig, em *LANCELOT AND SHYLOCK: CONSCIENCE AND ANXIETY REGARDING THE PATERNAL FIGURE*, analisa a deliberação cômica de Lancelot sobre deixar seu mestre Shylock, na peça *The merchant of Venice*, de Shakespeare. O relacionamento de Lancelot com seu pai Gobbo e Shylock é ambíguo, uma vez que ele sente ansiedade em deixar a casa de Shylock, mas não sente ansiedade ao enganar seu pai. A análise sugere que ele inverte o papel da figura paterna, tomando Shylock em vez de Gobbo como a representação da figura paterna. Da mesma forma, há outros personagens na peça que projetam em Shylock a representação da figura paterna, espelhando raiva, ressentimento, medo e ansiedade.

O trabalho *LITERATURA E HISTÓRIA: HUCKBLERRY FINN E A ESCRAVIDÃO NOS ESTADOS UNIDOS*, escrito por Davi da Silva Gonçalves e Ana Carolina de Sousa Mendes, analisa o romance *As Aventuras de Huckleberry Finn* (TWIN, 1982), levando em conta as questões políticas e sociais que o permeiam. Com as contribuições teóricas de Terry Eagleton (1984), Serge Gruzinsky (2001) e Farid Ameer (2010), discutem como a escravidão e a branquitude se manifestam na narrativa.

Enrico de Castro Carvalho Silva, em *FELIZ ANO NOVO DE RUBEM FONSECA SOB A ÓTICA DE ANTONIO CANDIDO, UMA FORTUNA CRÍTICA*, apresenta uma fortuna crítica sobre a obra *Feliz ano novo*, publicada por Rubem Fonseca em 1975, frente à concepção de Antonio Candido sobre teoria literária. Nesse sentido, contribui com o mapeamento dos conhecimentos científicos, construídos nos últimos anos, para que se possa expandir o estudo dos contos de Fonseca sob o viés da literatura comparada.

Os trabalhos seguintes aproximam-se pela filiação aos estudos da literatura de testemunho. Assim, Iarles dos Santos Macedo e Abilio Pachêco de Souza produzem “CANÇÕES QUE

LUTAM”): A POESIA DE RESISTÊNCIA COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO-ARTÍSTICO-LITERÁRIO NO MST NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E LUTA CAMPONESA, um trabalho que coloca em discussão o papel da música nos contextos de lutas e resistências sociais. Para isso, tomam por base o exemplo da proposta apresentada por uma escola, situada em uma área de Reforma Agrária do MST, que envolve a música como prática pedagógica.

Da música para a fotografia, o artigo EMPATIA E COMPAIXÃO: A FOTOGRAFIA COMO LUGAR DE MEMÓRIA, de Tânia Sarmiento-Pantoja e Deurilene Souza, parte do exemplo da crise humanitária na Síria e a sua representatividade por meio da fotografia do pequeno Aylan Kurdi – menino sírio de etnia curda, encontrado morto numa praia na Turquia – para nos levar a refletir, entre outras coisas, sobre o testemunho através da estética da imagem e seu impacto na denúncia da barbárie, bem como o desafio humano de conectar-se com o outro na construção de vínculos por meio do diálogo fundado na interação empática e afinado com a reparação.

Voltando para o campo da literatura, Geraldo Brandão Neto e Abilio Pachêco de Souza, no texto LUTAR É PRECISO: TESTEMUNHO E RESISTÊNCIA EM *TORTO ARADO*, DE ITAMAR VIEIRA JÚNIOR, apresentam ponderações sobre a literatura de testemunho e a sua importância como meio de dar voz aos que sofreram com a opressão, num movimento de contra-história, isto é, como oposição ao discurso oficial dos órgãos reguladores de poder. O teor testemunhal presente no romance *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior é o foco da análise apresentada pelos autores.

Ainda no campo dos textos literários, Jorge Lucas Marcelo dos Santos e Elza Kioko Nakayama Nonoki do Couto, no artigo ANÁLISE ECOSISTÊMICA DO CONTO *O MENINO EM FUGA*, DE ANATOLE RAMOS: MITIGAÇÃO DE CULPA E A DESLEGITIMAÇÃO DO OUTRO, partem de uma concepção de língua(gem) como interação dentro do ecossistema linguístico. Nesse sentido, os autores buscam compreender, discursivamente, como ocorre a mitigação de culpa e a deslegitimação do outro nas situações em que o silêncio foi constitutivo das inter-relações ecossistêmicas entre as personagens da narrativa selecionada. Para isso, além da metodologia aplicada junto as bases teóricas da Análise do Discurso Ecológico (ADE), optam por tratar os dados encontrados pela teoria da antropologia do imaginário.

Jader Luiz Gama das Neves e Márcia Sepúlveda do Vale, em A REVOLUÇÃO DOS BICHOS: UNS MAIS IGUAIS QUE OUTROS, analisam o papel que a leitura desempenha em um modelo de sociedade que tenta adotar, através de uma revolução organizada por relações

hierárquicas, uma concepção cooperativista, mas que acaba sendo dominada por interesses individuais de “alguns mais iguais que os outros”. Trata-se da análise da obra *A revolução dos bichos*, do escritor inglês, Eric Arthur Blair, de pseudônimo, George Orwell.

Rafael Ferreira de Aquino Passos, fecha a seção com o artigo *HI-FI (1999) E AUGUSTO DE CAMPOS: HIBRIDIZAÇÃO E TRADUÇÃO NA ERA DA ARTEMÍDIA*. Numa discussão envolvendo o panorama pós-utópico da produção artística contemporânea, índice da modernidade, o trabalho apresenta o diálogo com a produção teórica advinda dos universos da comunicação e da teoria literária, para refletir criticamente a tradução operada por Ivan Cardoso no curta-metragem *Hi-Fi (1999)*.

Seguem então 05 artigos mais de perto fundamentados em estudos linguísticos. Os três primeiros pautam questões relacionadas ao ensino. No primeiro deles, *REGULARIDADES DISCURSIVAS NO ENSINO DE GÊNEROS TEXTUAIS POR MEIO DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS*, de Maria de Jesus Melo Lima e Sulemi Fabiano Campos, as pesquisadoras realizam reflexões acerca do ensino de Língua Portuguesa no que tange ao ensino de gêneros, que visa a ser definido ou categorizado por meio do uso de sequência didática (SD). As autoras problematizam, a partir do *corpus* composto de excertos de 26 dissertações do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), a padronização das características dos gêneros à medida que são pautados, dirigidos, por SD.

Os dois próximos artigos têm como base teórica a semiótica discursiva. Em *CONSIDERAÇÕES SOBRE A SEMIÓTICA NA BNCC: DO DOCUMENTO AO DISCURSO DA PROFESSORA*, de Eliane Aparecida Miqueletti e Larissa Nugoli Zago, acessamos reflexões sobre as novas orientações curriculares para o ensino de língua portuguesa na educação básica. As autoras realizam considerações sobre o movimento argumentativo do enunciador-destinador do texto da Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Fundamental e a inserção da semiótica nas práticas de linguagem. Em seguida, investigam como as novas orientações podem ser entendidas pelos professores da educação básica, a partir da análise da entrevista com uma professora da rede pública de ensino do Mato Grosso do Sul.

Já Luiza Helena Oliveira da Silva e Naiane Vieira dos Reis Silva, em *IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NA PÓS-GRADUAÇÃO: O QUE NOS CONTAM MESTRANDOS(AS) DO PROFLETRAS*, analisam os relatos de professores matriculados no Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS) a respeito de suas experiências de pesquisa e docência no contexto da pandemia de Covid-19, especialmente em momento de incerteza quanto aos rumos da educação e da pesquisa, no ano de 2020. Para tanto,

observam no discurso dos mestrados as paixões enunciadas por mestrados frente à vivência do acontecimento pandêmico.

Na sequência, Patrícia Helena Frai, no artigo *A MOTIVAÇÃO ESTÉTICA DOS PRENOMES*, categoriza a motivação estética a partir de narrações de designadores que atribuíram um nome ao filho, como também de filhos que foram nomeados com tal motivação. Para isso, analisa um banco de dados constituído por 125 entrevistas semiestruturadas, composto por designadores e nomeados com nomes justapostos nascidos entre a década de 1930/1940 e 2010, no município de Marechal Cândido Rondon - PR. Parte-se da ideia de que os antropônimos são escolhidos a partir de crenças, valores e gostos daqueles que nomeiam.

O trabalho *COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBOLA ILHA DE SÃO VICENTE: TERRITÓRIO DE MEMÓRIAS, RESISTÊNCIAS E AFETO*, escrito por Edna Sousa Cruz e Bianca de Sousa Torres, fecha a seção com um estudo sobre a narrativa de resistência da comunidade remanescente de quilombo Ilha de São Vicente, em Araguatins/TO. Discorre-se a respeito de sua luta pela reapropriação de seu território, bem como do processo de construção da identidade quilombola. Norteadas pela metodologia da história oral, a pesquisa teve como objeto de estudo relatos orais de uma ativista social quilombola, que exerce papel de liderança em sua comunidade. O *corpus* da pesquisa compõe-se de depoimento biográfico único, o qual porta experiências e vivências de uma coletividade.

Entrevista

Jacielle da Silva Santos, César Alessandro Sagrillo Figueiredo e Abílio Pachêco de Souza nos apresentam *O CONTINUUM DA VIOLÊNCIA NO SUL E SUDESTE DO PARÁ: ENTREVISTA COM O PROFESSOR, PESQUISADOR E ESCRITOR ABÍLIO PACHECO, AUTOR DO ROMANCE EM DESPROPÓSITO: MIXÓRDIA*. Na conversa entre pesquisadores, são retomados acontecimentos relacionados aos conflitos violentos na região Sul e Sudeste do Pará, como o Massacre de Eldorado dos Carajás (1996) e a Guerrilha do Araguaia (1972-1975) e a produção literária do testemunho.

Ensaio

Em *POSSIBILIDADES DE SENTIDOS EM ENTRE FICAR E IR: RENASCER*, DE WALACE RODRIGUES, Leomar Alves de Sousa apresenta leituras e interpretações de poemas do livro *Entre Ficar e ir: renascer*, do poeta e professor universitário, Wallace

Rodrigues. Problematisa o fazer poético à guisa de compreensão e explicação da vida e do mundo, contribuindo com a divulgação dos trabalhos deste autor.

Resenhas

Nessa seção, contamos com duas produções. A primeira, de Francisco Neto Pereira Pinto, apresenta o livro de poesias *Narciso na Janela*, da escritora Martha Vieira, historiadora, professora da Universidade Federal do Norte do Tocantins e membro da Academia de Letras de Araguaína e Norte do Tocantins – Acalanto. A segunda resenha, de Millena Costa Lemes da Silva, trata do livro *Educação e literatura: ensaios sobre leitura literária e ensino de literatura*, escrito por Maurício Pedro da Silva e publicado pela editora Pimenta Cultural, em 2020. A obra, um compilado de ensaios/artigos, aborda a estreita relação entre o universo da literatura e da educação.

Produções literárias

Não são muitas as revistas acadêmicas que se abrem para produções de natureza literária, certamente levando em conta o pouco impacto nas avaliações dos programas de pós-graduação e a orientação cada vez mais pragmática que direciona nosso fazer de pesquisadores. Possivelmente pela exiguidade dos periódicos com espaço para a escrita literária, tenhamos recebido regularmente um número expressivo de trabalhos a demandar um contingente de pareceristas que se dedicam a apreciar esteticamente os textos e decidir por sua publicação ou recusa. Para essa edição, foram selecionadas 06 produções, dentre prosa e poesia.

O primeiro é um conto de Maurício Fontana Filho que trata com boa dose de irreverência as agruras de um angustiado leitor: **POR QUE OS BOMBEIROS QUEIMAM LIVROS?** Em tempos de ameaças ditatoriais, tudo é possível, até mesmo que gestos inconcebíveis sejam assumidos por quem deveria conter e combatê-los.

Em **POROSAS MEMÓRIAS**, Carollina Camargo Soares Figueiredo apresenta um conto breve, cuja personagem se vê às voltas com as tensões políticas que dividem o país em dois segmentos, retomando em momento de delírio versos de canção de Geraldo Vandré.

Marcelo Calderari Miguel nos apresenta 05 poemas reunidos sob o título **CIRCUNSTÂNCIAS E ÁGUAS QUE ERGUEM CONFRONTOS: SEM RESPONSABILIZAÇÃO, SOTERRAR-SE SONHOS**. Bastante descritivos, as paisagens

figurativizadas nos versos parecem traduzir diferentes estados passionais do eu-lírico, até concluir na sequência negativamente sobre sua condição.

Sanny Kellen Anjos Cavalcante Canuto, valendo-se do humor, traz com o conto A CHIQUARA RECOLHIDA elementos que remetem a saberes populares da região Norte para dirimir problemas do corpo como também da alma.

PÁSSAROS, de Richard Morgan Müller, é um poema escrito em primeira pessoa, sob a perspectiva de uma árvore que lamenta as transformações impostas sobre a natureza.

Encerra a seção o poema JACUTINGA INDIGNADA, de Maria Goretti de Sousa Lameira, também ele um canto à natureza, seguindo a estrutura do cordel.

Novo Qualis

Finalizamos esta apresentação, registrando a boa avaliação obtida pela EntreLetras junto a CAPES. Na última avaliação de periódicos, a CAPES atribuiu à EntreLetras o Qualis A2, o que nos leva a agradecer a todos e todas que contribuíram para o sucesso alcançado pelo periódico: autores, pareceristas, conselho editorial, leitores, pesquisadores de diferentes instituições nacionais e internacionais.

Novo editor-chefe

A partir da próxima edição, assume a função de editor-chefe da EntreLetras o prof. Cícero da Silva, docente do Programa de Pós-graduação em Ensino de Língua e Literatura da UFNT, que já colaborava até então como gerente de produção.

A todos e todas, boas leituras. Se o momento nos traz angústias, devemos mobilizar, como ensinava Paulo Freire (1992), a exercitar a esperança:

*É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar;
porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança
do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar,
esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não
desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com
outros para fazer de outro modo.*

As organizadoras,

Araguaína (TO); Dourados (MS), em 1º de fevereiro de 2023.